

poder e vingança

jon skovron

Tradução de Jorge Candeias



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

*Para o meu pai, Rick Skovron, que
me deu o meu primeiro romance de fantasia.
Estás a ver o que começaste?*

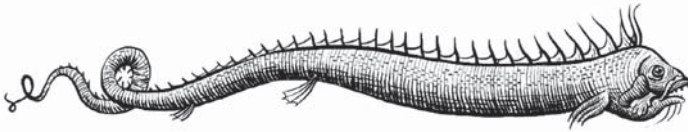
IMPÉRIO das TORMENTAS



- | | |
|-----------------------------------|-------------------------------|
| a. Paz ao Vento | i. Três Cálices |
| b. Porto Boas-Noites | j. Buraco |
| c. Estrada das Colheitas | k. Palácio da Pólvora |
| d. Solar Pastinas | l. Ratazana Afogada |
| e. Guarnição Imperial | m. Trapo e Tábuas |
| f. Galeria da Bata | n. fatia de Céu |
| g. Casa de Tudo da Madame Destino | o. Mãe do Marinheiro |
| h. Solar das Macieiras | p. Donto Sem Retorno |
| | q. Sala de Jogo do Grande Sig |

NOVA LAVEN

PRIMEIRA PARTE



*Aqueles que perderam tudo estão livres
para se transformarem em qualquer
pessoa. É um preço alto a pagar,
mas a grandeza é sempre assim.*

– de O Livro das Tormentas

1



O Capitão Sin Toa era há muitos anos mercador naqueles mares e já antes vira algo assim. Mas isso não o tornava mais fácil.

A aldeia de Esperança Sombria era uma pequena comunidade nas frias ilhas meridionais, no limite do império. O Capitão Toa era um dos poucos mercadores que vinham tão para sul, e mesmo assim só uma vez por ano. O gelo que se formava na água tornava quase impossível alcançá-la durante os meses de inverno.

Mas o peixe seco, os ossos de baleia e o óleo para lâmpadas em bruto que eles espremiavam da banha de baleia eram boa carga que alcançava bons preços em Pico de Pedra ou em Nova Laven. Os aldeões sempre tinham sido educados e amáveis, à sua taciturna maneira meridional. E era uma comunidade que sobrevivia há séculos naquelas duras condições, qualidade que Toa respeitava bastante.

Portanto, foi com uma ponta de tristeza que olhou o que restava da aldeia. Enquanto o seu navio deslizava para o estreito porto, percorreu com os olhos os caminhos de terra e as cabanas de pedra e não viu nenhum sinal de vida.

— Que se passa, capitão? — perguntou Crayton, o imediato. Um bom tipo. Leal, à sua maneira, ainda que um pouco desonesto quanto a fazer a parte do trabalho que lhe competia.

— Este sítio está morto — disse Toa em voz baixa. — Não vamos desembarcar aqui.

— Morto, capitão?

— Não há uma alma no lugar.

— Talvez estejam nalguma espécie de reunião religiosa local — disse Crayton. — As pessoas aqui tão a sul têm os seus próprios costumes.

— Temo bem que não seja isso.

Toa apontou com um dedo grosso e marcado por cicatrizes para o ancoradouro. Um sinal alto tinha sido espetado na madeira. No sinal estava pintada uma oval negra de onde desciam oito linhas negras.

— Que Deus os salve — sussurrou Crayton, tirando o gorro de lã.

— O problema é esse — disse Toa. — Não salvou.

Os dois homens ficaram ali a fitar o sinal. Não havia nenhum som, exceto o do vento frio que repuxava o longo casaco de lã de Toa e a sua barba.

— O que fazemos, capitão? — perguntou Crayton.

— A terra não vamos, isso é certo. Diz aos pintas para lançarem âncora. Está a ficar tarde. Não quero navegar no escuro por estas águas pouco profundas, portanto vamos passar aqui a noite. Mas não tenhas dúvidas: vamos voltar para o mar à primeira luz da aurora e nunca mais voltamos a chegar perto de Esperança Sombria.

* * *

ZARPARAM NA MANHÃ SEGUINTE. TOA ESPERAVA CHEGAR À ILHA DE CHARNECA dentro de três dias e contava que os monges de lá tivessem boa cerveja à venda em quantidade suficiente para cobrir as perdas.

Foi na segunda noite que encontraram a clandestina.

Toa dormia na sua tarimba quando foi acordado por um punho a bater na porta da cabine.

— Capitão! — chamava Crayton. — Os vigias da noite. Encontraram... uma rapariguinha.

Toa gemeu. Bebera um pouco de grogue a mais antes de ir dormir e um ferrão de dor já se lhe instalara atrás dos olhos.

— Uma rapariga? — perguntou passado um momento.

— S-s-sim, senhor.

— Águas dos infernos — resmungou, descendo da rede. Vestiu calças frias e húmidas, um casaco e botas. Uma rapariga a bordo, mesmo pequena, significava azar naqueles mares do sul. Toda a gente o sabia. Enquanto pensava em como se ia livrar daquela clandestina, abriu a porta e ficou surpreendido por descobrir Crayton sozinho, a revirar o barrete de lã nas mãos.

— Então? Onde está a rapariga?

— Está à ré, capitão — disse Crayton.

— Porque foi que não ma trouxeste?

— Nós, hã... Quer dizer, os homens não conseguiram tirá-la de trás do aparelho lá guardado.

— Não conseguiram tirá-la... — Toa soltou um suspiro, perguntando

a si mesmo por que motivo ninguém se limitara a estender um braço e a dar-lhe uma paulada para a deixar inconsciente, arrastando-a depois para fora. Não pareciam os seus homens, a ficar moles por causa de uma rapariguinha. Talvez fosse por causa de Esperança Sombria. O terrível destino daquela aldeia talvez os tivesse deixado um pouco mais conscientes do que era hábito das suas possibilidades de chegar ao Céu.

— ‘Tá bem — disse. — Leva-me lá.

— Sim, senhor — disse Crayton, claramente aliviado por não ir levar com a frustração do capitão em cima.

Toa foi dar com os seus homens reunidos em volta do porão de carga onde se armazenava o aparelho de reserva. A escotilha estava aberta e os homens fitavam as trevas, resmungando uns com os outros e fazendo sinais para afastarem maldições. Toa tirou uma lanterna a um deles e fez brilhar a luz pelo buraco, perguntando a si mesmo por que motivo uma rapariguinha teria os seus homens tão assustados.

— Olha, menina. É melhor que tu...

Ela estava bem encaixada atrás das pilhas de cordame pesado. Parecia estar imunda e faminta mas, fora isso, ser uma rapariga bastante normal de uns oito anos. E bonita, até, à maneira do sul, com pele clara, sardas e um cabelo tão louro que parecia quase branco. Mas havia algo nos seus olhos quando nos olhava. Pareciam vazios, ou pior que vazios. Eram lagoas de gelo que esmagavam qualquer calor que tivéssemos em nós. Eram olhos antigos. Olhos quebrados. Olhos que tinham visto demasiado.

— Tentámos puxá-la para fora, capitão — disse um dos homens. — Mas está ali bem encaixada. E, bem... é...

— Pois — disse Toa.

Ajoelhou junto da abertura e forçou-se a continuar a olhá-la, mesmo querendo afastar o olhar.

— Como é que te chamas, rapariga? — perguntou, agora numa voz muito mais baixa.

Ela fitou-o.

— Eu sou o capitão deste navio, rapariga — disse. — Sabes o que isso quer dizer?

Lentamente, ela assentiu uma vez com a cabeça.

— Quer dizer que toda a gente neste navio tem de fazer o que eu digo. Isso inclui-te a ti. Compreendes?

De novo, ela assentiu uma vez com a cabeça.

Ele estendeu uma mão castanha e peluda para dentro do porão.

— E agora, rapariga, quero que tu saias daí de trás e me pegues na mão. Juro que não te vai acontecer nenhum mal neste navio.

Durante um longo momento, ninguém se mexeu. Depois, hesitante-mente, a rapariga estendeu a mão, fina como um osso, e deixou que ela fosse engolida pela de Toa.

* * *

TOA E A RAPARIGA HAVIAM REGRESSADO AOS APOSENTOS DO CAPITÃO. ELE suspeitava que a rapariga talvez começasse a falar se não houvesse uma dúzia de calejados marinheiros a fitá-la. Deu-lhe uma manta e uma chávena de grogue quente. Sabia que grogue não era o tipo de coisa que se desse a uma rapariguinha, mas era a única coisa que tinha a bordo além de água doce, e essa era demasiado preciosa para desperdiçar.

Agora estava sentado à sua mesa e ela sentava-se na tarimba dele, com a manta bem enrolada em volta dos ombros e a chávena fumegante de grogue nas minúsculas mãos. Bebeu um golinho e Toa esperou que ela respondesse ao sabor pungente com uma careta, mas a rapariga limitou-se a engolir e a continuar a fitá-lo com aqueles seus olhos vazios e quebrados. Eram do mais frio azul que ele vira na vida, mais profundos do que o próprio mar.

— Volto a perguntar-te, rapariga — disse ele, embora o seu tom de voz continuasse a ser gentil. — Como te chamas?

Ela limitou-se a fitá-lo.

— De onde vieste?

Ela fitou-o.

— És de... — Toa não acreditava que estivesse a pensá-lo, muito menos a fazer a pergunta. — És de Esperança Sombria?

Então ela pestanejou, como quem sai de um transe.

— Esperança Sombria. — A sua voz estava rouca da falta de uso. — Sim. Sou eu. — Houve algo no modo como ela falou que fez Toa suprimir um arrepio. A voz era tão vazia como os olhos.

— Como foi que apareceste no meu navio?

— Isso aconteceu depois — disse ela.

— Depois do quê? — perguntou ele.

A rapariga então olhou-o, e os seus olhos já não estavam vazios. Estavam cheios. Tão cheios que o velho coração salgado de Toa pareceu torcer-se como um trapo no seu peito.

— Eu conto-lhe — disse ela, com uma voz tão húmida e cheia como

os olhos. — Só lhe conto *a si*. E depois nunca mais volto a dizer nada disto em voz alta.

* * *

ELA ESTAVA NOS ROCHEDOS. FORA POR ISSO QUE ELAS NÃO A HAVIAM VISTO.

A rapariga adorava os rochedos. Grandes pedregulhos negros e irregulares que podia trepar acima do rebentar das ondas. O modo como saltava de um para o seguinte aterrorizava a mãe. “Vais magoar-te!”, dizia a mãe. E magoava-se mesmo. Com frequência. Tinha os joelhos e as canelas salpicados de arranhões e de cicatrizes causados pela rocha cortante. Mas não se importava. Adorava os rochedos mesmo assim. E quando a maré vazava, havia sempre tesouros na sua base, meio enterrados na areia cinzenta. Cascas de caranguejos, ossos de peixe, conchas e às vezes, se tivesse muita sorte, um bocado de vidro do mar. Eram esses que mais valor tinham para ela.

— O que é isto? — perguntara à mãe uma noite quando a família se reunia em volta da fogueira depois do jantar, com a barriga quente e cheia de guisado de peixe. Erguera um bocado de vidro do mar para a luz, para a cor brilhar na parede de pedra da cabana.

— É vidro, gaivotinha — dissera a mãe, com os dedos a trabalhar rapidamente enquanto remendava uma rede de pesca para o pai. — Bocadinhos de vidro partido, polidos pelo mar.

— Mas porque é que é colorido?

— Para o tornar mais bonito, imagino eu.

— Porque é que *nós* não temos vidro colorido?

— Oh, isso são só enfeites lá do Norte — dissera a mãe. — Não temos nenhuma utilidade para eles cá em baixo.

Isso fizera-a adorar ainda mais o vidro do mar. Juntou bocadinhos até ter os suficientes para os atar uns aos outros com um bocado de corda de cânhamo e fazer um colar. Dera-o de presente ao pai, um rude pescador que raramente falava, no dia do aniversário dele. O pai erguera o colar na mão coriácea, olhando com desconfiança os brilhantes bocados vermelhos, azuis e verdes de vidro do mar. Mas depois olhara-a nos olhos e vira como ela estava orgulhosa, como adorava aquela coisa. A sua cara enrugada pelo tempo dobrara-se num sorriso enquanto atava cuidadosamente o colar em volta do pescoço. Os outros pescadores levaram semanas a arrelhá-lo por causa daquilo, mas ele limitava-se a tocar o vidro do mar com as pontas dos dedos calosos e voltava a sorrir.

Quando *eles* chegaram naquele dia, a maré tinha acabado de descer e ela perscrutava a base dos seus rochedos em busca de mais tesouros. Vira o topo dos mastros do navio à distância, mas estava demasiado concentrada na caça ao vidro do mar para investigar. Fora só quando finalmente trepara até ao topo de um dos rochedos para examinar a coleção de conchas e ossos que encontrara que reparara em como o navio era estranho. Uma grande coisa parecida com uma caixa, com três velas e portinholas para canhões ao longo dos lados. Muito diferente dos navios mercantes. Não gostara nada do aspeto dele. E isso fora antes de reparar na espessa nuvem de fumo que subia da sua aldeia.

Desatara a correr, com as perninhas magricelas a bater a areia e as ervas altas, abrindo caminho por entre as árvores rugosas na direção da aldeia. Se havia um incêndio, a mãe não se preocuparia com o salvamento dos tesouros guardados na arca de madeira debaixo da sua cama. Não conseguia pensar em mais nada. Passara demasiado tempo e fizera demasiado esforço a reunir os seus tesouros para os perder. Eram para si a mais preciosa das coisas. Pelo menos assim pensava.

Ao aproximar-se da aldeia, vira que o incêndio alastrara por toda ela. Havia homens que não reconhecera, vestidos com uniformes brancos e dourados com capacetes e placas peitorais couraçadas. Perguntara a si mesma se seriam soldados. Mas os soldados tinham a obrigação de proteger as pessoas. Aqueles homens arrebanhavam toda a gente, formando um grande aglomerado no centro da aldeia, brandindo espadas e armas de fogo na sua frente.

Parara de repente ao ver as armas. Antes, só vira uma arma de fogo. Pertencia a Shamka, o ancião da aldeia. Todos os invernos, na véspera de Ano Novo, ele disparava-a contra a lua para a despertar do sono e trazer de volta o sol. As armas daqueles soldados tinham um aspeto diferente. Além do cabo de madeira e do tubo e cão de ferro, possuíam um cilindro redondo.

Estava ela a decidir se se devia aproximar ou fugir e esconder-se quando Shamka saíra da cabana, soltara um berro furioso e disparara a arma contra o soldado mais próximo. A cara do soldado dera de si quando o tiro o atingira e ele caíra na lama. Um dos outros soldados erguera a pistola e disparara contra Shamka, mas falhara o alvo. Shamka rira em triunfo. Mas depois o intruso disparara uma segunda vez sem recarregar. A cara de Shamka dilatara-se de surpresa, ele agarrara-se ao peito e tombara.

Nessa altura, a rapariga quase gritara. Mas mordera o lábio com toda a força para não o fazer e deixara-se cair nas ervas altas.

Ficara escondida aí, no campo frio e lamacento, durante horas. Tivera de apertar os maxilares para impedir os dentes de bater. Ouvira os soldados a gritar uns aos outros e estranhos sons de martelar e bater. De vez em quando, ouvia um dos aldeões suplicar por que lhes dissessem o que tinham feito para desagradar ao imperador. A única resposta era um sonoro estalo.

Estava escuro e todos os fogos se tinham apagado quando ela movera os membros adormecidos para se acocorar e dera outra olhadela.

No centro da aldeia tinha sido erguida uma enorme tenda de tela castanha, facilmente cinco vezes maior do que qualquer cabana da aldeia. Os soldados estavam em pé, em círculo à volta dela, com archotes nas mãos. Não conseguia ver os outros aldeões em lado nenhum. Gatinhara cautelosamente para um pouco mais perto.

Um homem alto que usava uma capa comprida branca e com capuz em vez de uniforme estava parado à entrada da tenda. Tinha uma grande caixa de madeira nas mãos. Um dos soldados abrira a aba da entrada da tenda. O homem encapuzado entrara na tenda, acompanhado por um soldado. Alguns momentos mais tarde, ambos saíram, mas o homem já não tinha a caixa. O soldado amarrara a aba para que a entrada permanecesse aberta e depois cobrira a abertura com uma rede tão fina que nem a mais pequena das aves a poderia ter atravessado.

O encapuzado tirara um caderno de apontamentos do bolso enquanto soldados traziam uma mesa pequena e uma cadeira e as pousavam à sua frente. Ele sentara-se à mesa e um soldado entregara-lhe uma pena e tinta. O homem começara imediatamente a escrever, fazendo pausas frequentes para espreitar a tenda através da rede.

Começaram a soar gritos vindos do interior da tenda. Ela apercebera-se então de que todos os aldeões estavam lá dentro. Não sabia porque gritavam, mas os gritos aterrorizaram-na de tal forma que voltara a deixar-se cair na lama e apertara as orelhas com as mãos para bloquear o som. Os gritos só duraram alguns minutos, mas passara-se muito tempo até ela conseguir voltar a olhar.

A escuridão era agora completa, à exceção de uma lanterna colocada à entrada da tenda. Os soldados haviam partido e só o encapuzado lá se encontrava, ainda a escrever no caderno. De vez em quando, ele deitava um relance para dentro da tenda, olhava para o relógio de bolso e franzia o cenho. Ela perguntara a si mesma para onde teriam ido os soldados, mas

então reparara que o estranho navio atarracado amarrado no ancoradouro estava todo iluminado e, quando forçara os ouvidos, conseguira distinguir os sons de turbulentas vozes masculinas.

A rapariga esgueirara-se por entre as ervas altas na direção do lado da tenda mais distante do homem. Não que ele a tivesse visto. Parecia tão concentrado no que estava a escrever, que era provável que ela conseguisse passar mesmo ao seu lado sem que ele reparasse. Mesmo assim, fora com o coração acelerado que rastejara pela pequena extensão de terreno aberto entre a erva alta e a parede da tenda. Quando finalmente chegara à tenda, descobrira que o fundo tinha sido tão bem preso ao chão com estacas que tivera de arrancar várias até conseguir enfiar-se por baixo.

Lá dentro a escuridão era ainda maior e o ar estava espesso e quente. Todos os aldeões estavam deitados no chão, de olhos fechados, acorrentados uns aos outros e aos grossos mastros da tenda. No centro encontrava-se pousada a caixa de madeira, sem a tampa. Espalhadas pelo chão viam-se vespas mortas, tão grandes como pássaros.

Longe, a um canto, vira a mãe e o pai, imóveis como todos os outros. Fora rapidamente ter com eles, com um medo nauseante a trespassar-lhe o estômago.

Mas então o pai movera-se debilmente e o alívio inundara-a. Talvez ainda pudesse salvá-los. Abanara suavemente a mãe, mas ela não respondera. Abanara o pai, mas ele limitara-se a gemer, com os olhos a tremer durante um momento mas sem se abrirem.

Procurara em volta, para ver se conseguiria desacorrentá-los. Ouvira um sonoro zumbido junto ao ouvido. Virara-se e vira uma vespa gigantesca a pairar por cima do seu ombro. Antes de a vespa conseguir picá-la, uma mão passara disparada junto da sua cara e afastara o inseto para longe. A vespa rodopiara descontroladamente, com uma asa partida, e caíra no chão. Ela virara-se e vira o pai, com a cara contorcida de dor.

Ele agarrara-lhe o pulso.

— Vai! — grunhira. — Embora. — Depois empurrara-a com tanta força que ela caíra para trás sobre o traseiro.

Ficara a fitá-lo, aterrorizada, mas desejando fazer alguma coisa que tirasse a horrível expressão de dor da cara dele. À sua volta, outros despertavam, com as caras marcadas pela mesma agonia do pai.

Então vira o colar de vidro do mar do pai dar um estranho saltinho. Olhara com mais atenção. Voltara a acontecer. O pai arqueara as costas. Os seus olhos e boca escancararam-se, como se estivesse a gritar, mas só

soara um gorgolejo húmido. Um verme branco com a grossura de um dedo furara-lhe a pele do pescoço. Sangue começara a escorrer enquanto outros vermes lhe saíam do peito e das tripas.

A mãe acordara com um arquejo, olhando em volta, numa aflição. Já tinha a pele a mover-se. Estendera um braço e gritara o nome da filha.

A toda a sua volta, os outros aldeões debatiam-se contra as correntes enquanto os vermes se libertavam. Não demorara muito até o chão ficar coberto por uma massa branca que se retorcia.

Apetecera-lhe fugir. Em vez disso, segurara a mão da mãe e ficara a vê-la contorcer-se e sacudir-se enquanto os vermes a devoravam de dentro para fora. Não se mexera, não afastara o olhar, até a mãe ficar imóvel. Só então se pusera em pé, cambaleante, rastejara sob a parede da tenda e fugira de regresso às ervas altas.

Ficara a observar de longe os soldados que regressaram à alvorada com grandes sacos de serapilheira. O encapuzado entrara na tenda, lá ficara durante algum tempo e depois voltara a sair e escrevera mais no caderno. Fizera o mesmo mais duas vezes e depois dissera qualquer coisa a um dos soldados. O soldado acenara com a cabeça, fizera um sinal e o grupo com os sacos entrara ordenadamente na tenda. Quando voltaram a sair, os sacos estavam cheios de protuberâncias que se contorciam e que ela deduzira serem os vermes. Levaram-nos para o navio enquanto os soldados restantes desmontavam a tenda, expondo os corpos que tinham estado no interior.

O encapuzado ficara a observar enquanto os soldados soltavam as correntes da pilha de cadáveres. Enquanto ele ali estava, a rapariguinha gravara na memória a sua cara. Cabelo castanho, queixo fraco, cara pontiaguda como a de uma ratazana, marcada pela cicatriz de uma queimadura na bochecha esquerda.

Por fim, eles haviam zarpado no navio atarracado, deixando um estranho sinal espetado no ancoradouro. Quando já estavam fora de vista, ela voltara a esgueirar-se para a aldeia. Demorara muitos dias. Talvez semanas. Mas enterrara-os a todos.

* * *

O CAPITÃO SIN TOA FITOU A RAPARIGA. DURANTE O RELATO, A EXPRESSÃO dela permanecera fixa num ar de horror esbugalhado. Mas agora regressava ao frio vazio que ele vira quando a convencera a sair do porão.

— Há quanto tempo foi isso? — perguntou.

— Não sei — disse ela.
— Como subiste a bordo? — perguntou ele. — Nós não acostámos.
— Nadei.
— Foi uma bela distância.
— Sim.
— E o que hei de fazer contigo?

Ela encolheu os ombros.

— Um navio não é lugar para uma rapariguinha.

— Tenho de ficar viva — disse ela. — Para poder encontrar aquele homem.

— Sabes quem ele era? O que o sinal queria dizer?

Ela abanou a cabeça.

— Aquilo é o brasão dos biomantes do imperador. Não tens a mais pequena hipótese de algum dia chegares perto daquele homem.

— Vou chegar — disse ela em voz baixa. — Um dia. Nem que leve a vida toda. Vou encontrá-lo. E vou matá-lo.

* * *

O CAPITÃO SIN TOA SABIA QUE NÃO PODIA MANTÊ-LA A BORDO. DIZIA-SE que, naquelas águas, era tão certo as donzelas, mesmo as de oito anos, atraírem a atenção das serpentes marinhas como um balde de sangue. A tripulação podia perfeitamente amotinar-se perante a ideia de manter uma rapariga a bordo. Mas ele também não ia deitá-la borda fora ou despejá-la nalgum rochedo vazio. Quando ancoraram no dia seguinte em Charneca, abordou o chefe da ordem Vinchen, um velho monge encarquilhado chamado Hurlo.

— A rapariga viu coisas que ninguém devia ter de ver — disse. Os dois estavam em pé no pátio de pedra do mosteiro, com o templo alto de pedra negra a erguer-se acima deles. — É uma coisinha quebrada. Pode ser que uma vida monástica seja a única opção que lhe resta.

Hurlo enfiou as mãos nas mangas da túnica negra.

— Eu compreendo, capitão. A sério, compreendo. Mas a ordem Vinchen é só para homens.

— Mas com certeza que terem uma criada por aí vos pode ser útil — disse Toa. — Ela é camponesa, está habituada a trabalho duro.

Hurlo acenou com a cabeça.

— Podia. Mas o que acontece quando ela chegar à idade e começar

a florescer? Vai tornar-se uma distração demasiado grande para os meus irmãos, especialmente os mais novos.

— Então ficai com ela até essa altura. Pelo menos ficará abrigada durante alguns anos. Mantende-a viva tempo suficiente para ela seguir o seu próprio caminho.

Hurlo fechou os olhos.

— A vida para ela aqui não será fácil.

— Não me parece que ela saberia o que fazer com uma vida fácil se lha dessem.

Hurlo olhou para Toa. E, para surpresa deste, sorriu de súbito, com os velhos olhos a cintilar.

— Vamos acolher esta criança quebrada que encontraste. Um bocadinho de caos na ordem traz a mudança. Talvez para melhor.

Toa encolheu os ombros. Nunca compreendera por completo Hurlo ou a ordem de Vinchen.

— Se o dizeis, grão-mestre.

— Como se chama a miúda? — perguntou Hurlo.

— Não quer dizer, não sei porquê. Estou meio convencido de que não se lembra.

— Então o que vamos nós chamar a esta criança nascida de um pesadelo? Como seus improváveis guardiões, suponho que nos caiba agora dar-lhe nome.

O Capitão Sin Toa pensou naquilo por um momento, puxando pela barba.

— Talvez lhe possais dar o nome da aldeia a que sobreviveu. Manter pelo menos alguma coisa da aldeia na memória. Chamai-lhe Esperança Sombria.

2



Sadie estava bêbada naquela noite. Muitíssimo mais bêbada do que teria de estar para conseguir regressar à sua cama. Mas também não podia ficar onde estava.

— Vamos fechar o bar, Sadie — disse a Madge Pendura.

Sadie ergueu o olhar para Madge, lutando por manter afastada a visão dupla. A Madge Pendura era a segurança da Taberna da Ratazana Afogada, era quem lá mantinha a ordem. Tinha mais de um metro e oitenta de altura e obtivera a alcunha de Pendura porque era tão grande que tinha de usar suspensórios para manter as saias no lugar. Madge era uma das pessoas mais temidas e respeitadas nos bairros degradados de Nova Laven. Era sabido por todo o Círculo do Paraíso, Bairro da Prata e Ponta do Martelo que mantinha a ordem na sua taberna. Alguém que fosse tolo ou imprudente o suficiente para causar problemas teria uma orelha arrancada e ficaria impedido de voltar a entrar na taberna e marcado com a vergonha para o resto da vida. Madge conservava a sua coleção de orelhas em salmoura, em pequenos frascos atrás do balcão.

— Sadie — disse Madge. — ‘Tá na hora.

Sadie acenou com a cabeça e pôs-se com dificuldade em pé.

— Tens sítio onde ficar? — perguntou Madge.

Sadie acenou com a mão enquanto arrastava os pés pela serradura que cobria o chão.

— Eu sei tomar conta de mim.

Madge encolheu os ombros e começou a pôr cadeiras em cima das mesas.

Sadie saiu aos tropeções da Ratazana Afogada. Percorreu com o olhar o quarteirão em busca de algum conhecido que pudesse arranjar-lhe onde passar a noite, semicerrando os olhos à luz fraca das tremeluzentes lâmpadas da rua. Mas a rua estava praticamente vazia, o que queria dizer que ou a polícia acabara de passar, ou passaria muito em breve.

— Merd’inferno — praguejou, coçando o cabelo sujo e emaranhado.

Arrastou os pés pela rua fora até vislumbrar a tabuleta simples de madeira de uma estalagem chamada Mãe do Marinheiro. Era famosa como recrutadora de marinheiros. Mas ela era Sadie, a Cabra, conhecida em Círculo do Paraíso, no Bairro da Prata e em Ponta do Martelo como uma das mais bem sucedidas ladras, mercenárias e artistas do caos que ainda respiravam. Tinha reputação. Ninguém seria estúpido o suficiente para a sular.

Ziguezagueou instavelmente para dentro da estalagem, onde pediu um quarto para passar a noite. O estalajadeiro, um tipo magro e olheirento chamado Backus, olhou-a com um ar meditativo.

— E nada de brincadeiras — disse ela, espetando-lhe o dedo na testa com força suficiente para deixar marca.

— Naturalmente que não. — Backus fez um sorriso fino e olheirento. — Eu próprio tomarei conta de si. Não queremos... mal-entendidos, certo?

— Solinho — disse Sadie. — Então vai lá à frente, estalajadeiro.

Backus levou-a por escadas de madeira em mau estado e por um corredor mal iluminado que ecoava com risos, soluços e uma rabeca que um sacana qualquer estava a tocar àquela hora imprópria. Backus destrancou a última porta da esquerda e Sadie passou por ele com um empurrão, direita ao colchão imundo que estava no chão.

— Quer que lhe traga uma bebida? — perguntou Backus.

— Isso era mesmo solinho, Backus — disse Sadie. — Se calhar avaliei-te mal.

— Estou disposto a apostar que sim — disse Backus, voltando a mostrar aquele sorriso.

Sadie deixou-se cair no colchão, sem se incomodar a ver-se livre das saias, das botas ou das facas. Viu o teto rachado girar desagradavelmente durante alguns minutos até Backus regressar com uma caneca cheia de algo agradável e frio.

Se não estivesse tão bêbada, teria detetado o vestígio do cheiro a rosa negra antes de dar o primeiro gole. Mas assim, emborcou tudo de um trago e alguns minutos mais tarde tudo ficou negro.

* * *

QUANDO SADIE ACORDOU, JÁ NÃO ESTAVA NUM COLCHÃO NUMA PENSÃO barata. Jazia de borco num convés de madeira. Precisou de um segundo para se aperceber de que o convés balançava de um lado para o outro. Um

pequeno raio de sol jorrava de um portaló redondo que iluminava as coisas só o suficiente para ela ver que estava no porão de carga de um navio.

— Merd’inferno. — Lutou por se pôr em pé, mas tinha as mãos e os pés amarrados com corda suja, portanto o melhor que conseguiu fazer foi sentar-se. Tentou desamarrar os pulsos, mas daquele ângulo era difícil agarrar a corda e ela estava atada com algum nó de marinheiro tão desconcertantemente complexo que nem sabia por onde começar.

Encostou-se a alguma coisa que soltou um leve grunhido. Virou-se e viu um rapaz a seu lado, também amarrado. Estava esfarrapado e imundo; seria provavelmente algum miúdo de rua que tinha sido apanhado como ela fora.

— Eh, rapaz. — Acotovelou-o com força nas costelas com o cotovelo ossudo. — Acorda.

— Desanda, Grosso — resmungou o rapaz. — Não tenho nada p’a ti.

— Idiota — disse ela, e voltou a acotovelá-lo. — Fomos sulados, porra!

— Quê? — Os olhos do rapaz abriram-se. Eram vermelhos vivos, como rubis. Era sinal de um miúdo dado à luz por uma mãe viciada em pó de coral. Droga má, muito viciante, que devorava lentamente os miolos. A maior parte dos miúdos que nascia viciado em coral não passava do primeiro mês. Sadie achou que devia haver alguma força escondida naquele puto para ter sobrevivido. Escondida, porque era certo como a merda que não a conseguia ver agora. O miúdo balbuciava e choramingava como um cachorrinho maltratado, com lágrimas a cair de olhos vermelhos por baixo de uma cortina irregular de cabelo castanho enquanto chorava — O-o-o-onde estou? O-o-o-que aconteceu?

— Acabei de te dizer, não foi? — disse Sadie. — Fomos sulados.

— O-o-o-que é que isso quer dizer?

— Mas tu és um completo tombo-de-rata? — disse Sadie. — Nunca ouviste falar de sular? Como foi que viveste nas ruas sem saber uma coisa dessas?

O lábio do rapaz tremeluziu como se ele estivesse a começar mais um ataque de choradeira. Mas surpreendeu-a enchendo os pulmões de ar, mesmo que aos tremeliques, e dizendo:

— Só caí na rua há coisa de um mês. Não sei muito. Portanto, por favor, senhora. Diga-me o que se está a passar.

Ela olhou-o e ele devolveu o olhar, e talvez fosse o primeiro sinal da moleza da velhice a instalar-se, mas em vez de se rir ou de cuspir, ela limitou-se a suspirar.

— Como é que te chamas, puto?

— Rixidenteron.

— Merd’ inferno, isso enrola a língua toda.

— A minha mãe era pintora. Deu-me o nome do grande pintor romântico lírico Rixidenteron Terceiro.

— Então ‘tá morta, a tua mãe?

— Pois.

Ficaram calados durante um minuto, só com uma fungadela ocasional vinda do rapaz, o ranger do madeirame do navio e o suave silvo da proa a rasgar as águas. Deviam estar a velejar a boa velocidade.

Por fim, ela disse:

— Então em resumo é isto: fomos trazidos para bordo de um navio que vai para as Ilhas Meridionais. Fomos recrutados à força. Eles vão deixar-nos aqui durante uns tempos a ferver em lume brando e depois descem, se calhar dão-nos uns carolos para mostrar que são uns tipos sérios. Depois dão-nos a escolher: juntarmo-nos à tripulação ou sermos declarados passageiros clandestinos e atirados borda fora.

Os olhos do rapaz tinham-se ido esbugalhando cada vez mais até parecerem uns grandes e vermelhos pratos para o jantar.

— Mas... — O lábio voltou a tremer. — Mas eu não sei nadar.

— A ideia geral é essa. E mesmo se soubesses nadar, nós vamos estar tão longe da costa que não há de haver maneira de chegar tão longe, mesmo se conseguisses escapar aos tubarões e às focas.

— Eu-eu-eu não quero ir para as Ilhas Meridionais — choramingou o miúdo. — Dizem que estão cheias de monstros e que não há comida nem luz e que nunca ninguém volta, que *não se pode* voltar, que uma vez... que se vai... fica-se lá encurralado... *para sempre!* — A voz dele surgia agora aos espasmos, pois os soluços tinham-no dominado.

Sadie já ouvira mais que o suficiente. Pensou em dar-lhe uma bela patada na cabeça. Isso haveria de o calar. E de qualquer forma duvidava que ele fosse grande ajuda quando ela fugisse. Nem sequer era um pintas do bairro como devia ser. Era filho duma artista qualquer, provavelmente alimentado a mama até aos cinco anos. Não conseguia entender como teria conseguido sobreviver um mês nas ruas.

Mas *consequira* sobreviver. E também não parecia estar morto de fome. Portanto, tinha de haver nele alguma qualidade. Perguntou a si própria que qualidade seria.

Os soluços do rapaz tinham-se acalmado e transformado em fungade-

las. Tanto para o impedir de fazer aquele som irritante como por qualquer outro motivo, disse:

— Diz-me lá então, Rixi-qualquer-coisa. Como era a tua mãe? Que lhe aconteceu?

Ele soltou uma última fungadela e limpou os lacrimosos olhos vermelhos com o ombro.

— Quer mesmo saber?

— Claro que sim — disse ela, encaixando as costas num saco de se-rapilheira cheio de batatas e pondo-se o mais confortável que podia estar com os pulsos e tornozelos amarrados. Podiam passar-se horas antes que alguém descesse ao porão e ela tivesse oportunidade de fazer a sua jogada. A história aborrecida de um filho de uma artista era melhor que nenhum entretenimento.

— ‘Tá bem. — A expressão dele era séria. — Mas tem de prometer que não diz a ninguém.

— Juro pela picha roxa do meu pai — disse Sadie.

* * *

A MÃE DE RIXIDENTERON, GULIA PASTINAS, PROVINHA DE UMA DAS FAMÍLIAS abastadas que viviam na extremidade norte de Nova Laven, longe da sujidade e violência de Círculo do Paraíso, do Bairro da Prata e de Ponta do Martelo. Era a segunda filha, e bastante bonita, mas tão teimosa e ferozmente independente que o pai desesperara de alguma vez conseguir casá-la. Deixar as mulheres trabalhar era mal visto entre as famílias ricas, o que queria dizer que ele teria de a sustentar.

Ficara encantado quando ela lhe dissera que se ia juntar a um grupo de artistas no Bairro da Prata. Na altura estava na moda os filhos das famílias ricas experimentarem a cultura boémia. Nunca supusera que poderia vir a ser mais do que isso. Uma pausa agradável para a sua problemática filha mais nova.

Mas acontecera ela ser uma artista imensamente talentosa, que não regressara menos de um ano mais tarde com o rabo entre as pernas. Acontecera que, de facto, não regressara de todo. Primeiro porque estava demasiado ocupada a ser a coqueluche da comunidade artística da baixa Nova Laven. Mais tarde, porque estava demasiado doente para voltar para junto dele. Não que tivesse regressado, mesmo se pudesse.

O pai de Rixidenteron era prostituto, descendente de uma longa li-

nhagem de prostitutas, masculinos e femininos. Nunca lhe ocorrera que havia algum problema com a profissão até estar numa festa e conhecer uma bela artista de olhos escuros que, após falar com ele durante dez minutos, declarou que o salvaria da sua vida de miséria. Estava com dinheiro, proveniente da venda de um novo conjunto de quadros, e sentia-se ousada devido a um vício por pó de coral recentemente adquirido. Levava-o para casa naquela noite e insistira que ele abdicasse da vida no comércio de sexo. Ele fizera o seu suave e caloroso sorriso e concordara com a cabeça, tão cativado pelo apumado encanto e fogaosa paixão dela que teria feito qualquer coisa que ela tivesse pedido.

Portanto, ela pintava e ele cozinhava e limpava a casa e, durante algum tempo, tinham sido felizes. Depois Rixidenteron nascera e tudo mudara, como muda sempre quando as pessoas se tornam pais. O filho nascera com os característicos olhos vermelhos de um filho de viciado em coral e os amigos disseram-lhes que ele não resistiria mais do que uma semana. Mas talvez tivesse alguma força escondida. Ou talvez fosse porque os pais passaram a cuidar dele todos os momentos em que não estivessem a dormir, fazendo tudo que conseguiam imaginar para o manter vivo. Passaram sem comida para poderem pagar os remédios que a irmã dela trazia do seu boticário da cidade alta. As coisas ficaram tão más que o pai de Rixidenteron se oferecera para regressar ao trabalho. Mas ela recusara, e pintara tanto e tão ferozmente que ficara com as mãos perpetuamente manchadas pela cor. Anos mais tarde, os críticos de arte viriam a considerar aquele o seu melhor período.

E Rixidenteron sobrevivera mesmo, contra todas as probabilidades. Quando celebraram o seu primeiro aniversário, acharam que o pior tinha ficado para trás.

Só que as tintas da mãe continham uma toxina de medusa, inofensiva em pequenas doses, mas que já andava há anos a infiltrar-se-lhe na pele e estava a começar a atacar-lhe os nervos. Entre isso e o vício de coral, era-lhe cada vez mais difícil pintar. Quanto Rixidenteron chegara aos dois anos, ela já não era capaz de segurar firmemente num pincel. O pai voltara a oferecer-se para regressar ao trabalho. E ela voltara a recusar. Em vez disso, ensinara a Rixidenteron a pintar por ela. Obrigara-o a usar um par de luvas de couro, para não sofrer o mesmo destino. Depois pusera-o a trabalhar. Quando ele chegara aos quatro anos, era capaz de criar qualquer imagem que lhe fosse descrita com uma precisão de tirar o fôlego. Rixidenteron passava horas por dia às pancadinhas na tela enquanto a mãe se manti-

nha deitada no gasto sofá azul do apartamento, tapando os olhos com as mãos trémulas enquanto sussurrava as imagens que tinha na cabeça. E ele tornava-as reais.

Ele adorava aquele tempo que passavam juntos e sentia orgulho por poder ajudar a mãe, a grande pintora, na sua arte. Mas à medida que o tempo fora avançando, as coisas tornaram-se mais difíceis. Em vez de a afastar do pó de coral, a doença de Rixidenteron e a subsequente enfermidade de que ela mesma padecia mergulharam-na mais profundamente no vício. Quando ele chegara aos seis anos, as descrições da mãe tinham deixado de fazer sentido e era ele próprio quem compunha a maior parte das imagens. Mas, embora possuísse a destreza da mãe, ainda não tinha a sua visão. E os quadros deixavam isso evidente. As pessoas diziam que ela estava acabada.

Daquela vez, o pai não pedira. Limitara-se a regressar ao trabalho. Estava mais velho e a vida cobrara o seu preço. Mas ainda era razoavelmente bonito e capaz de ganhar dinheiro suficiente para comprar anonimamente os quadros do seu amor. Assim, ela continuara a pensar que estava a sustentar a família. Rixidenteron conhecia a verdade, mas quando arranjava coragem para lha revelar, ela estava demasiado degradada para compreender o que ele estava a dizer. Pelo menos assim parecera. Ele sempre tivera dúvidas. Porque, na noite em que lhe contara, ela ingerira uma dose excessiva de pó de coral e morrera.

Durante algum tempo, Rixidenteron e o pai continuaram a viver da mesma forma. Mas ao fim de mais um ano, o pai tornara-se magro e pálido. Rixidenteron não sabia se por alguma doença ou devido à perda da mãe. Fosse como fosse, o pai não parecia interessado em ficar bom.

A uma semana do seu oitavo aniversário, Rixidenteron descobrira que o pai morrera durante o sono. Limpou a caca e o sangue do corpo do pai, queimara os lençóis e fora-se embora.

* * *

— MAS COMO FOI QUE VIVESTE NAS RUAS? — PERGUNTOU SADIE. — COMO foi que, com todos os infernos, sobreviveste quando claramente não sabias nada sobre coisa nenhuma?

Ele encolheu os ombros.

— Encontrei outros rapazes e deixaram que me juntasse a eles. Porque sou bom a tirar coisas.

— Que queres dizer com seres bom a tirar coisas?

— As minhas mãos são mais rápidas do que as das outras pessoas. Se calhar por causa de todas as pinturas. Não sei. Mas é fácil para mim tirar carteiras, relógios e coisas do género. As pessoas nunca notam.

Os olhos de Sadie cintilaram.

— Isso é um dom raro e útil. — Baixou os olhos para o complexo nó que lhe mantinha as mãos unidas. — Mas suponho que essas tuas mãos não consigam dar conta disto.

— É provável que sim — disse ele.

— Mesmo com as mãos amarradas?

— Posso tentar — disse ele.

— Então porque não tentas? — disse ela.

* * *

QUANDO UM MARINHEIRO FINALMENTE DESCEU AO PORÃO PARA VER como eles estavam, o sol já descera e só um ténue luar se derramava pelo portaló. Ouviram o marinheiro antes de o verem, as botas que batiam nos íngremes degraus de madeira enquanto ele resmungava de si para si.

— Moças e putos como tripulantes. Que viagem desgraçada que esta parece que vai ser.

Era um tipo com uma certa idade, com montes de branco misturado com negro no cabelo e barba oleosos. Usava uma camisola de lã esticada por cima de uma vasta pança e manquejava um pouco. Sadie e o rapaz estavam sentados no chão ao lado um do outro, com a corda visivelmente enrolada em volta dos pulsos. Ela forçou a cara a permanecer sem expressão enquanto o marinheiro a examinava com olhos que pareciam turvos de bebida.

— Escutem aqui, vocês os dois — disse ele. — Foram feitos voluntários para trabalhar na tripulação aqui deste navio, o *Vento Selvagem*. Se obedecerem a ordens e fizerem exatamente o que o capitão e eu dizemos, são livres de se irem embora quando voltarmos a acostar em Nova Laven. Até pode ser que vos paguemos. Se não obedecerem a ordens, vão ser chicoteados até ficarem à morte. Vai ser assim. — E deu com a grande mão carnuda na cara de Sadie com tal força que lhe rachou um lábio. — Só que muito pior. Estamos entendidos?

Sadie sorriu, deixando o sangue escorrer pelo canto da boca.

— Sabes porque é que me chamam Sadie, a Cabra?

Ele aproximou-se mais, com um hálito que fedia a grogue.

— Por causa da barba?

Ela deu-lhe com a testa na cara. Enquanto ele a olhava de boca aberta, com o sangue a jorrar do nariz partido, ela livrou-se da corda que tinha sido deixada solta em volta dos pulsos, tirou-lhe o punhal da bota e enfiou-lho pela pele mole sob o queixo. Torceu-o devagarinho, e ele entrou em convulsões encostado a ela, salpicando-lhe a cara de sangue. Depois, ela sacudiu a lâmina, abrindo no pescoço do homem um corte vertical que lhe descia até à clavícula. Puxou a faca e deixou o corpo, que ainda estremecia, cair ao chão.

Limpou a cara com a manga, depois baixou-se e desembainhou a espada do marinheiro.

— Toma. — Entregou a faca ao rapaz. — Tem de haver mais lá em cima. O mais certo é termos de os matar a todos.

O rapaz fitou a faca que tinha na mão, ainda húmida de sangue.

— Ruivo — disse ela. Quando ele não respondeu, deu-lhe um calduço. — Olha para mim quando falo contigo.

Ele piscou os olhos estupidamente na sua direção.

— Ruivo. Agora é esse o teu nome. És meu ajudante. Solinho?

Os olhos do rapaz esbugalharam-se e ele acenou afirmativamente.

— E agora vamos lá explicar àqueles tipos que não estamos interessados em sermos sulados.

Estava escuro no convés, havendo apenas uma lista de lua. O marinheiro de vigia lá em cima ficou tão surpreendido ao vê-los que ela lhe plantou a espada no olho antes de conseguir dizer uma palavra. Caiu, torcendo-se, e Sadie precisou de um momento para soltar a lâmina do seu crânio. A maior parte dos marinheiros estava bêbada, a dormir ou ambas as coisas. Sadie não queria saber. Era aquilo que mereciam. Ela não era nenhum espadachim, portanto foi tudo à base de corte e cutilada enquanto abria caminho pelo navio. Quando chegaram aos aposentos do capitão, respirava com força, doía-lhe o braço e estava coberta com o sangue de seis homens. A porta da cabina estava trancada, portanto bateu na madeira com o botão do punho da espada.

— Sai daí, meu merdas de barriga de peixe!

— Sadie! — soou a voz estridente do Ruivo.

Virou-se mesmo a tempo de ver um homem com um chapéu de abas largas a três metros de si, apontando-lhe uma pistola. Mas em vez de disparar, a arma caiu-lhe da mão quando ele agarrou a faca que lhe saía do peito.

A mão do Ruivo estava vazia. Ele sorria, um pouco envergonhado, com os rubis dos olhos a reluzir ao luar.

— Eu aponte para a arma.

Sadie sorriu e deu-lhe uma palmada nas costas.

— Boa, Ruivo. Eu sabia que tinhas fogo debaixo de toda essa suavidade de artista. E agora vamos lá fazer esta banheira dar meia volta. Há mais um tipo em Nova Laven que precisa que lhe expliquem bem e devagarinho porque é que ninguém sula Sadie, a Cabra.

* * *

FAZER O BARCO REGRESSAR À BAIXA NOVA LAVEN FOI COMPLICADO, SÓ com Sadie e o Ruivo, nenhum dos quais sabia o que estava a fazer. Mas o vento estava a seu favor e acabaram por chegar às docas. Provavelmente teriam chocado contra o ancoradouro, mas por sorte Sadie conhecia alguns dos pintas do porto, que ajudaram a guiá-los sem se naufragarem a si mesmos ou a mais ninguém.

Sadie concedeu aos marinheiros um tenso grunhido de agradecimento e depois avançou docas fora a passos largos, ainda com o sabre cheio de sangue seco na mão. O Ruivo correu atrás dela, ansioso por ver como a sua nova heroína iria executar a sua vingança.

Era demasiado cedo para Backus estar a trabalhar na Mãe do Marinheiro, portanto Sadie dirigiu-se para a Ratazana Afogada. Quando chegaram à taberna, escancarou a porta.

— Backus! Seu desleal verme de merda!

Backus ergueu a cara magra e olheirenta de cima da caneca de cerveja e olhou para ela. Todos os fregueses na Ratazana Afogada se calaram e todos os olhos se puseram a saltitar entre ele e Sadie.

— Ora se não é Sadie, a Cabra. — O seu tom de voz calmo soou forçado. — Não esperava voltar a ver-te. És feia demais até para marinheiros, é?

— E vou deixar-te muito mais feio do que os deixei a eles. — Então Sadie ergueu a espada e arremeteu.

Backus a princípio pareceu incrédulo. Toda a gente sabia que não se arranjavam sarilhos na Ratazana Afogada. Mas quando ela se aproximou, a sua expressão passou a terror.

Mas a Madge Pendura levantou-se, aparentemente vinda de sítio nenhum, e pegou no braço da espada de Sadie. Puxou com força suficiente para erguer Sadie no ar, com um esgar nos lábios grossos. Bateu com força com a mão de Sadie na mesa mais próxima, fazendo voar canecas de cerveja e forçando Sadie a largar a espada.

— Sabes que é má ideia arranjar sarilhos aqui, Sadie. — A voz dela era um rosnido gutural.

— Ele tem de aprender! — disse Sadie, tentando livrar-se da mão de ferro de Madge. — Toda a gente tem de aprender que não podem sular Sadie, a Cabra!

— Eu percebo-te — disse Madge. — Mas toda a gente tem de saber, *mesmo tu*, que ninguém mata ninguém no meu bar. E agora, desaparece daqui.

Todos sabiam que Madge gostava de Sadie. Naquele momento, estava a fornecer-lhe uma saída. Sadie podia tê-la aceitado e tudo teria ficado por aí. Mas não o fez.

— *Antes de lhes mostrar a todos como é, não!* — E saltou na direção de Backus com uma súbita força.

A Madge Pendura limitou-se a grunhir, ainda com a mão bem apertada em volta do pulso de Sadie. Fê-la girar para junto de si, agarrou-lhe na cabeça com a outra mão, baixou-se e, com um rasgão húmido e um jorro de sangue, arrancou à dentada a orelha de Sadie.

O uivo que saltou da garganta de Sadie, tanto de raiva como de dor, foi alto o suficiente para fazer abanar os vidros atrás do balcão. Sadie agarrou-se ao lado da cabeça que sangrava. Madge tinha a orelha entre os dentes, acompanhada por um tufo de cabelo que se metera no caminho. Sadie fugiu do bar, reprimindo soluços de vergonha.

Todos os olhos estavam cravados em Madge quando ela se dirigiu calmamente para o balcão, pegou num frasco vazio, cuspiu a orelha lá para dentro e acrescentou-o ao resto da coleção.

O Ruivo viu a espada ensanguentada de Sadie ainda na mesa. Não sabia o que aconteceria a seguir, mas sabia que era provável que Sadie precisasse daquela espada. Atravessou a taberna numa correria, no momento em que Backus estava a virar-se para a espada. O Ruivo agarrou-a antes de Backus ter tempo de erguer uma mão. Depois precipitou-se para fora da taberna, atrás de Sadie.

Foi encontrá-la a cambaleiar de regresso às docas. Praguejava e chorava enquanto apertava com a mão o lado da cabeça, com sangue a escorrer-lhe por entre os dedos.

— O que aconteceu? — A voz dele soou esganiçada.

— Estou acabada — uivou ela. — Sadie, a Cabra, envergonhada à frente de todos. A Madge Pendura tem a minha orelha na sua coleção e eu nunca mais posso voltar a mostrar a cara lá.

— O que é que nós fazemos agora? — perguntou ele.

— Nós? — rosnou ela. — O que é que *nós* fazemos? — Parecia estar prestes a levar a mão atrás e dar-lhe um tabefe. Mas então parou e ficou ali, de cenho franzido. — Nós — voltou a dizer, desta vez um pouco mais baixo. Olhou para as docas. O *Vento Selvagem* continuava amarrado onde o tinham deixado. — Nós — quase sussurrou. Depois dirigiu um sorriso ao Ruivo.

— *Nós* vamos dar início a um novo empreendimento comercial, meu pintas. Quem precisa da porcaria de Círculo do Paraíso, do Bairro da Prata ou de Ponta do Martelo, quando há tantos outros pontos de interesse à nossa espera, a suplicar por serem saqueados? Sadie, a Cabra, pode estar acabada. Mas Sadie, a Rainha Pirata, está só a começar.

3



A costa de Charneca era constituída por rocha negra irregular, aliada pelo constante bater das ondas geladas. Mais para o interior, o solo escuro era duro mas, quando devidamente arado, era rico e nutritivo o suficiente para cultivar uma abundância de produtos, em particular a cevada e o lúpulo que os monges de Vinchen usavam para fazer a cerveja castanha apreciada por todo o império.

A maior parte da ilha era dedicada à agricultura, mas no centro ficava o mosteiro de Vinchen, talhado há séculos na rocha negra da ilha pelos discípulos de Manay, o Leal, um dos mais sábios grão-mestres na história do império. Os longos edifícios retangulares formavam um grande quadrado em volta de um pátio, e no centro ficava o templo. O lado sul do mosteiro continha os aposentos comunais dos monges e uma habitação separada — mas ainda humilde — para o grão-mestre. O lado norte continha as cozinhas e no lado ocidental ficava a cervejaria.

O Grão-Mestre Hurlo vira muitos rapazes chegar aos portões de ferro negro do mosteiro com expressões de horror nos olhos. A maioria era rica, mimada, e provavelmente tinham sido mandados tornar-se Vinchen porque os pais achavam difícil lidar com eles em casa. Hurlo lembrava-se de uma época em que ser Vinchen era desejável. Que estava até na moda. Mas os que lhe eram trazidos agora levavam anos a dar valor ao que ele e os outros monges ajuramentados estavam a tentar dar-lhes. Apesar de tudo, acabara por aceitar que as coisas eram agora assim.

Contudo, não sabia o que esperar da rapariga. Ela era algo completamente novo, tanto para ele como para a ordem. O Capitão Toa trouxera-a até aos portões vestida com trapos imundos. Os seus olhos azuis escuros absorviam tudo o que a rodeava, mas não revelavam nada.

— Olá, pequena — disse-lhe Hurlo. — Sou o Grão-Mestre Hurlo. Bem-vinda ao mosteiro de Vinchen.

— Obrigada — disse ela, numa voz quase inaudível.

— Então boa sorte, Hurlo. — Sin Toa ofereceu a mão grossa e peluda.

— Boas viagens — disse Hurlo, apertando-a calorosamente.

Depois de Toa partir, Hurlo reuniu todos os monges e estudantes no pátio. Olhavam a rapariguinha ao lado de Hurlo com misturas variadas de surpresa, confusão e desagrado.

— Esta é a Esperança Sombria, uma criança deixada órfã e sem abrigo devido aos atos de um biomante — disse. — Vai ficar connosco, ajudar nos afazeres domésticos e em outras tarefas menores até ter idade e força suficiente para partir.

Nenhum dos monges foi desrespeitoso o suficiente para intervir, mas Hurlo ouviu vários sustos audivelmente a respiração. Isso não o surpreendeu. Nenhuma pessoa do sexo feminino, de nenhuma idade, tinha alguma vez entrado no mosteiro. Agora estariam a viver com uma todos os dias, talvez durante anos.

— Podem regressar aos vossos deveres — disse, com uma voz calma. Enquanto os via dispersar lentamente, deitando-lhe, e a Esperança, frequentes olhares, decidiu que seria interessante observar como lidariam com aquele ajustamento.

O Livro das Tormentas dizia que só existia um Céu, mas muitos infernos. Cada inferno era único, mas tão cruel como os restantes. Era assim, segundo o livro, porque não havia limite para o sofrimento humano nem fim para o número de maneiras que o mundo tinha para o infligir.

O Grão-Mestre Hurlo pensava com frequência nessa passagem. Suspeitava que, para os jovens que se tinham juntado recentemente à ordem de Vinchen, a própria Charneca podia ser um inferno. Distante das grandes cidades e das luxuosas propriedades setentrionais das suas infâncias, localizava-se no centro das Ilhas Meridionais, tão longe da quente e soalheira capital de Pico de Pedra como se podia estar.

Para muitos dos irmãos mais velhos, a mera mudança era uma espécie de inferno. Acrescentar um elemento inesperado a uma rotina que se tornara rígida com os anos de repetição punha aqueles homens em algo de semelhante ao pânico. Pareciam não se importar com a rapariga desde que ela não afetasse o seu dia de nenhuma forma. Mas se lhes limpava os quartos, queixavam-se a Hurlo, por vezes protestando até por os quartos estarem demasiado limpos. Se lhes punha comida nas bandejas à hora das refeições, queixavam-se a Hurlo, mesmo que ela lhes tivesse posto demasiado nos pratos.

Para outros irmãos, o inferno era a súbita presença de alguém do sexo feminino no seu seio. Quando ela passava vestida com a velha túnica negra

de monge que lhe chegava aos tornozelos, larga e embainhada, silenciosa e pálida como um vampiro, com os olhos perdidos nas sombras do capuz, Hurlo nem teria conseguido perceber que era rapariga. Contudo, sem que soubesse como, aqueles irmãos pareciam incapazes de se concentrar até nas mais simples tarefas quando ela estava na sala.

O Livro das Tormentas dizia que o inferno de um homem revelava muito sobre ele. O mesmo acontecia com a sua reação a esse sofrimento. Hurlo achava interessante que enquanto alguns se queixavam por causa de Esperança e outros a ignoravam, outros ainda tentavam travar amizade com a minúscula agente loura do seu sofrimento. Mas após algumas tentativas de lisonja ou ofertas de doces, esses irmãos bem intencionados vacilavam perante o insondável olhar azul da rapariga e afastavam-se.

Após alguns dias de observação, a atenção de Hurlo regressou aos seus estudos e meditação. Por isso, a princípio não reparou quando outra reação começou a vir à superfície entre os seus irmãos. A crueldade.

* * *

PASSARA-SE UMA SEMANA DESDE QUE ESPERANÇA SOMBRIA ENTRARA NO mosteiro Vinchen. Não diria que era feliz. Nem sequer tinha a certeza de alguma vez poder vir a ser capaz de voltar a dizer isso. Mas estava confortável. Tinha um lugar quente para dormir e três refeições por dia.

Não compreendia realmente o que os monges Vinchen faziam. Meditavam, liam e exercitavam-se. Todas as noites, logo antes do jantar, reuniam-se no templo para rezar. Nenhuma dessas atividades fora popular na sua aldeia. De muitas formas, a sua vida entre os silenciosos monges era-lhe ainda menos familiar do que aqueles dias turbulentos passados a bordo do navio do Capitão Toa.

Mas compreendia o seu trabalho. Pequenos quartos que tinham de ser mantidos arrumados, comida simples que tinha de ser servida, roupa simples que tinha de ser lavada e remendada. Não obtinha qualquer prazer do trabalho, mas havia uma certa paz em perder-se na sua monotonia. Estimava essa paz, porque durante o resto do tempo os seus pensamentos eram sobrecarregados com o peso da morte e uma fome negra por vingança. A noite era a pior altura. Ficava deitada no seu colchão de palha na cozinha e os pensamentos pressionavam-na até mal conseguir respirar. Quando o sono finalmente chegava, era agitado e cheio de pesadelos.

— Tu aí. Camponesa.

Esperança parou. Estava a regressar à cozinha depois de limpar a latrina. Virou-se e viu Crunta encostado à soleira da porta do edifício onde os irmãos dormiam. Crunta era um dos irmãos mais jovens, com cerca de treze anos, e ainda estava em treino. Quando Hurlo lhe dera a lista de tarefas, mencionara que a maioria dos seus afazeres seria em serviço dos irmãos mais velhos. Que os mais novos tinham de executar as suas próprias tarefas menores. Portanto, ficou surpreendida por Crunta a chamar.

— Eu? — perguntou.

— Sim, tu, estúpida — disse ele, e chamou-a com a mão.

Sem saber bem como lidar com a situação, ela foi ter com ele.

— Entra. — Ele virou-se e entrou.

Esperança seguiu-o. O interior do edifício era uma só sala. O soalho liso de madeira estava coberto com enxergas de palha e pequenas almofadas cilíndricas, espaçadas regularmente. Esperança parou a ver Crunta despir a sua túnica negra de monge. Por baixo, usava uma pequena peça de roupa interior que lhe deixava nu o tronco e a maior parte das pernas. Tinha um corpo esguio e musculoso, quase desprovido de pelos no peito.

Ele fez uma bola com a túnica e empurrou-lha para os braços.

— Lava isto e traz-me imediatamente de volta.

Esperança tinha a certeza de que os irmãos mais novos deviam lavar eles mesmos a sua roupa, mas teve medo de o dizer.

— Sim, irmão.

A mão dele voou e bateu-lhe na cara.

— Não sou teu irmão. Chama-me amo.

Esperança Sombria fitou-o, com uma raiva negra a espalhar-se-lhe pelo corpo. Imaginou-o aos gritos de agonia enquanto vermes lhe rasgavam a pele. Mas sabia que não podia fazer nada. Era só uma rapariguinha fraca. Portanto, engoliu a raiva e disse:

— Sim, amo.

Ele dirigiu-se descontraidamente para a enxerga e deitou-se. Depois pegou num livro.

— Despacha-te.

Esperança levou a túnica, que fedia a suor e a cerveja velha, para a tina das lavagens junto da cozinha. Enquanto esfregava com força o tecido nas estrias da tábua de lavar, imaginou que era a cara de Crunta. Ao estender a túnica nas brasas da cozinha, para secar, imaginou o carvão em brasa a crestar o peito nu de Crunta. Sabia que aqueles pensamentos eram errados, mas davam-lhe algum alívio. Mesmo assim, a sensação de raiva impotente

levou a roê-la enquanto regressava pelo pátio com a túnica bem dobrada nos braços.

Foi encontrá-lo ainda reclinado na enxerga, de roupa interior. Pousou-lhe a túnica aos pés.

— É mais alguma coisa, amo?

Ele olhou-a por cima do livro, durante um momento, e depois pôs-se em pé. Ignorando a túnica, aproximou-se dela. Era muito mais alto do que ela; a cara de Esperança estava ao nível do seu peito. Era o que ela fitava agora porque gostava ainda menos da expressão nos seus olhos. Não compreendia o olhar do rapaz, mas havia algo nele que lhe arrepiava a pele.

Ele puxou-lhe o capuz para trás. Ela viu a expansão e contração do peito dele acelerar ao mesmo tempo que sentia a mão dele fechar-se em volta duma madeixa do seu cabelo. Todo o seu corpo tremeu, embora não soubesse dizer se de medo ou repugnância.

— Irmão Crunta!

Esperança virou a cabeça, libertando o cabelo dos dedos de Crunta. Um dos irmãos mais velhos, Wentu, estava à porta, com uma carranca na cara coberta de rugas.

— Não se ponha à frente da rapariga de roupa interior! É indecente!

Crunta deu um lento e descontraído passo atrás, com um sorrisinho irónico no rosto.

— Sim, irmão. — Baixou-se e pegou na túnica, após o que a enfiou pela cabeça.

As suas sobrancelhas uniram-se e ele encostou o pano ao nariz.

— Ugh, isto fede às cozinhas! Queres que eu cheire a criado?

— P-p-p-perdão, amo — gaguejou Esperança. — Queria que eu fosse rápida, portanto sequei-a em cima das brasas. Não...

Ele voltou a dar-lhe um tabefe.

— Jovem irmão... — disse Wentu, com ar reprovador.

— Tens sorte por eu não te bater até te pôr a dormir! — disse Crunta a Esperança, com o punho erguido. — Sai da minha vista, camponesa nojenta.

Esperança correu para a sua enxerga nas traseiras da cozinha e enrolou-se numa bola. Apetecia-lhe chorar, mas as lágrimas não vieram. Só pensamentos negros de violência e vingança. Pensou que Crunta devia ser o mais cruel irmão do mosteiro.

Mas ainda não tinha encontrado Racklock.

* * *

O SERVIÇO PREFERIDO DE ESPERANÇA SOMBRIA ERA CUIDAR DO TEMPLO. O chão, paredes e altar eram feitos com a lisa pedra negra da ilha, mas naquele lugar fora polida até tomar um lustro que os fazia parecer ao mesmo tempo solenes e brilhantes. Adorava o cheiro das velas de oração, que deixavam no ar uma sugestão de jasmim ao arder. E adorava principalmente as altas janelas de vidro no topo do templo. Não compreendia as imagens que mostravam, estranhas criaturas e guerreiros de couraças negras, mas as cores faziam-lhe lembrar o colar que fizera para o pai. Julgara que nunca mais conseguiria desfrutar de tais coisas. Mas havia uma minúscula brasa que permanecia e se tornava um pouco mais quente ao ver a luz do sol a jorrar através daquelas janelas coloridas.

— Então é aqui que te esquivas aos teus deveres — soou uma voz profunda.

Esperança arrancou o olhar das janelas e olhou para o irmão baixo e poderosamente constituído conhecido como Racklock. Estava de braços cruzados, com uma expressão dura. Esperança sabia que, na ordem, Racklock só era subalterno de Hurlo, e todos os outros irmãos o temiam.

— É meu dever limpar o templo todos os dias, amo — disse Esperança.

— Não vi limpeza nenhuma. — Racklock deu um passo para ela. — Só preguiça. Alimentamos-te, vestimos-te, damos-te um lugar quando o mundo certamente se teria livrado de ti. E é assim que nos pagas?

Esperança aprendera com Cruenta que defender-se podia ser perigoso. Portanto, limitou-se a baixar a cabeça e disse:

— Desculpe, amo.

— Ainda não és uma mulher, mas a tua língua bifurcada já tenta ajudar-te. — Ele disse aquilo com um calmo desdém enquanto se dirigia a um armário. Abriu o armário, que estava cheio com uma variedade de coisas, e de lá tirou uma longa vara de madeira. Enquanto a examinava, disse: — Outros podem deixar-se enganar, mas eu vejo o que realmente és. Uma vil doença que procura destruir esta ordem por dentro. Um mal a ser expurgado.

* * *

FOI NAQUELA TARDE PINTALGADA PELO SOL, NO INÍCIO DO OUTONO, QUE Hurlo foi arrancado a uma profunda meditação pelo som dos gritos de uma

rapariguinha. Saiu a correr do seu minúsculo quarto, atravessou o pátio soalheiro e entrou no templo. Aí, encontrou Esperança Sombria encolhida no chão, com a cara encostada ao chão de pedra fria e a túnica negra húmida de sangue. Racklock erguia-se acima dela. Os seus ombros grossos contraíram-se quando brandiu violentamente a vara contra as costas dela e ela voltou a gritar.

Foi esse o momento em que Hurlo compreendeu que não salvara a rapariga. Limitara-se a transferi-la de um inferno para outro. Foi também então que descobriu um novo inferno seu. O inferno de ter permitido o sofrimento de uma inocente. Era verdade que não brandira a vara, e que também não pedira para a rapariga lhe ter sido trazida. Mas ao olhar o seu rosto pálido, compreendeu que não poderia ficar naquele inferno nem mais um momento.

Racklock fez descer outra vez a vara, mas desta vez Hurlo estava presente, pouco mais que um borrão negro ao arrancar a vara das mãos do irmão e depois empurrá-lo para a frente, levando-o a tropeçar na rapariga prostrada. Racklock caiu sobre as mãos e depois rodopiou para a frente, num salto mortal, por forma a aterrar sobre os pés. Mas ao girar para enfrentar Hurlo, o grão-mestre bateu-lhe na garganta com a ponta da vara, com força suficiente para o deixar sufocado e temporariamente incapaz de falar.

Hurlo ficou a vê-lo debater-se para respirar durante um momento e depois disse numa voz branda:

— Tinhas alguma coisa para dizer? Não? Então deixa que te informe que de agora em diante não farás mal a esta rapariga. Os gritos dela perturbam a minha meditação e o cheiro do seu sangue no templo contraria-me. Acena uma vez com a cabeça se compreendes, acena duas vezes se queres que te bata outra vez.

A cara de Racklock escureceu com uma cor arroxeadada, mas os seus lábios comprimiram-se numa linha dura enquanto ele acenava uma vez, após o que girou sobre os calcanhares e saiu do templo a passos largos.

Hurlo baixou o olhar para a rapariguinha trémula aos seus pés. Sentiu uma súbita vontade de a reconfortar. De a envolver nos braços e a embalar até mergulhar num sono doce e sem sonhos. Mas foi só uma vontade momentânea. Ele não era, afinal de contas, um velho gentil, amante da paz. Era o grão-mestre da ordem de Vinchen e um dos maiores guerreiros que o império já conhecera. Portanto, dirigiu-se em silêncio para o tapete de meditação que estava disposto em frente do altar de pedra negra e ajoelhou.

Ficaram assim durante algum tempo, a rapariga prostrada no chão, o velho monge ajoelhado, silencioso, de costas voltadas para ela.

Por fim, ela disse numa voz que pouco mais era que um sussurro.

— Amo... obrigada por me salvar.

— Eu não sou nenhum amo, pequena. Sou um professor.

Ela calou-se, pensando naquilo por um momento. Depois, ele ouviu-a aproximar-se um pouco mais, de gatas.

— O que é que ensina?

— Muitas coisas. Se bem que nem sempre tenha sucesso. Tentei ensinar contenção ao Racklock, e parece que falhei.

— Ele estava a castigar-me.

— Um castigo deve corresponder ao crime. O que fizeste para justificar uma surra daquelas?

— Eu... não sei. Ele disse que eu era um mal.

— Estou a ver. E sentes-te um mal?

Ela não respondeu.

— Vem ajoelhar-te na minha frente — disse ele.

Ela contornou-o, ainda a gatinhar. Hurlo viu que a túnica negra se lhe colava às costas devido ao sangue que ia secando, mas ela não se encolhia ou contraía com a dor. Ajoelhou como ele, à sua frente, mas com a cabeça baixa.

— Olha para mim, pequena — disse ele.

Ela ergueu o olhar para ele e Hurlo permitiu-se examinar profundamente aqueles olhos perturbadores, como não havia feito antes.

— De facto vejo em ti escuridão — disse. — Não é surpreendente. A escuridão gera escuridão.

E ela continuou sem responder, limitando-se ainda a olhá-lo.

— Assusta-te? Essa escuridão dentro de ti?

A expressão dela permaneceu fixa, mas lágrimas subiram-lhe aos olhos.

— E se eu te pudesse ensinar a controlar essa escuridão? Se te pudesse ensinar como usá-la para te tornares uma grande e poderosa guerreira? — No momento em que disse aquelas palavras, o coração começou a correr. O que propunha era proibido, tanto pel'*O Livro das Tormentas* como pelos códigos da ordem Vinchen. Mas ao dizê-lo, viu a luz que desabrochou na cara da rapariguinha como a primeira aurora num novo mundo, e compreendeu que cumprir uma tal promessa valia qualquer risco. — Gostarias que te ensinasse isso?